

26° EDIÇÃO
MINIONU

**ACADEMY OF MOTION
PICTURES ARTS AND
SCIENCE**



**ACADEMY
AWARDS (2025)**

FÓRUM EXTRAORDINÁRIO SOBRE OS
DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO DE
COMUNIDADES INTERNACIONAIS EM
PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

**GUIA DE
ESTUDOS**

DIRETORA
MARIANNY SANTOS

DIRETORES ASSISTENTES
ANA CLARA PADILHA
JOÃO MAGALHÃES
MARIA JÚLIA MARQUES

11 A 14 DE OUTUBRO DE 2025

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA EQUIPE	3
1.1 Diretora - Marianny Emília Cândida Santos.....	3
1.2 Diretora assistente - Ana Clara Oliveira Padilha	3
1.3 Diretor assistente - João Vitor Magalhães.....	4
1.4 Diretor assistente - Maria Júlia Marques Carvalho	5
2 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	5
3 APRESENTAÇÃO DO COMITÊ.....	6
3.1 Histórico de filmes indicados e a representatividade no Cinema.....	7
3.1.1 <i>Filmes de língua não inglesa.....</i>	<i>7</i>
3.1.2 <i>#OscarSoWhite</i>	<i>9</i>
3.1.3 <i>A continuidade do prestígio mesmo sob acusações de racismo.....</i>	<i>11</i>
3.2 Academy of Motion Pictures Arts and Science (2025).....	13
4 PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS DO COMITÊ	14
4.1 Atrizes e atores.....	15
4.2 Diretores e produtores	15
4.3 Empresas cinematográficas e críticos cinematográficos	16
5 QUESTÕES RELEVANTES PARA A DISCUSSÃO.....	16

1 APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

1.1 Diretora - Marianny Emília Cândida Santos

Prezados delegados, sejam muito bem-vindos ao 26º MINIONU!

Meu nome é Marianny, sou diretora da *Academy Awards (2025)* e estudante do oitavo período de Relações Internacionais. É um enorme prazer recebê-los neste comitê tão especial.

Este ano, completo minha terceira participação no MINIONU. Em 2023, tive a oportunidade de atuar como Diretora Assistente na *Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE)*, discutindo a complexidade do tráfico humano na Europa. No ano seguinte, fiz parte da Comissão Organizadora do MINIONU 25 Anos, contribuindo como estagiária de projetos e comunicação. Agora, retorno como Diretora de Comitê Interno, trazendo um tema pelo qual tenho grande apreço e que só foi possível graças ao incrível trabalho da equipe deste projeto!

Como vocês já devem ter percebido, sou uma pequena cinéfila. Para mim, construir este comitê vai muito além de uma simples simulação: é uma forma de mostrar como as Relações Internacionais podem ser explicadas e interpretadas através da sétima arte. O cinema não se limita a contar histórias em duas horas de projeção, ele reflete o que acontece no mundo — inclusive nos bastidores.

A invisibilização de certas narrativas é um desafio que nós, brasileiros, conhecemos bem. Sabemos o quão difícil é ver nossas histórias e perspectivas silenciadas no cenário internacional. Por isso, aproveitem ao máximo os espaços que o MINIONU proporciona, dentro e fora da sala de simulação. Tragam suas vozes para a construção de um mundo melhor!

Desejo a todos ótimos estudos e mal posso esperar para encontrá-los em outubro!

1.2 Diretora assistente - Ana Clara Oliveira Padilha

Olá, queridos delegados, sejam muito bem-vindos à *Academy Awards*!

Meu nome é Ana Clara, mas podem me chamar só de Ana. Sou diretora assistente do *Academy Awards (2025)* e estudante do terceiro período de Relações Internacionais.

Conheci o MINIONU ainda no ensino médio, quando pesquisava sobre faculdades que ofereciam o curso de RI. Escolhi a PUC justamente por conta desse projeto de extensão tão grandioso e inspirador. No meu primeiro período, fui voluntária no CINI (Comitê Internacional de Imprensa), e agora tenho a alegria de participar de mais uma edição — desta vez, como diretora assistente neste comitê incrível que é “Absolute Cinema”.

Sou completamente apaixonada por filmes. Meu lugar de conforto é o cinema: uma sala escura, ar-condicionado, pipoca, poltrona confortável e uma tela gigante — não existe nada igual! Acredito que o cinema nos transporta para outras realidades, oferecendo refúgio em novas histórias e mundos diferentes.

Espero que, nesta edição do MINIONU, vocês também possam viver histórias memoráveis, criando um filme único da vida de vocês. Que os debates que surgirem aqui contribuam para reflexões profundas, com foco em inclusão e transformação social.

Desejo a todos um excelente MINIONU. Que tenhamos encontros que confluem, debates que impactem e lutas que transformem o mundo em um lugar mais justo e acolhedor. Nos vemos em outubro!

1.3 Diretor assistente - João Vitor Magalhães

Muito prazer, senhores delegados! Meu nome é João Magalhães, tenho 18 anos e, atualmente, curso o segundo período de Relações Internacionais na PUC Minas. Desde já declaro que será um prazer simular com vocês nesse comitê incrível e preparado com todo o carinho do mundo.

Minha história com as simulações começou de maneira nada oportuna: eu fui obrigado a participar de uma no segundo ano do ensino médio em meu antigo colégio. Nesse momento, eu, pela primeira vez, pensei “que atividade interessante”, e isso ficou na minha cabeça. Após um ano e algumas semanas desse meu primeiro contato, adentrei em várias simulações sediadas por escolas de Belo Horizonte. Desde então fiquei fascinado, ver delegados geniais conseguindo expor seus pontos de maneira tão bem arquitetada despertou em mim o simuleiro que demorou para surgir, mas que desde então quer ir em toda simulação que eu possa.

Estou muito animado para ser diretor assistente ao lado da Ana, da Maria e da Marianny em um comitê inovador que prova o quanto podemos extrair de atividades do cotidiano ao falar de Relações Internacionais. A arte contemporânea cumpre um grande papel nas relações estabelecidas em nossa sociedade, sendo capaz de influenciar eventos e situações ao redor de todo o mundo. Mal posso esperar para lhes chamar de meus delegados, espero que suas expectativas sejam superadas e que essa vivência seja tão incrível para vocês quanto é e será para nós!

1.4 Diretor assistente - Maria Júlia Marques Carvalho

Oi, gente! Meu nome é Maria Júlia, sou estudante do 4º período de Relações Internacionais e uma das Diretoras Assistentes do comitê Academy Awards (2025).

Minha história com o MINIONU começou no ano passado, quando participei como voluntária no comitê interno “Organização dos Estados Americanos (OEA) 2024: As violações dos direitos humanos dentro do sistema carcerário”. Foi uma experiência muito especial, que despertou em mim um interesse ainda maior pelo projeto. Desde então, venho buscando formas de me envolver mais ativamente — e estar hoje na diretoria deste comitê reflete justamente esse interesse em contribuir de maneira mais presente nos debates e na construção coletiva que o MINIONU representa.

Neste ano, pensar o cinema como um espaço político, simbólico e de disputa por representações é um desafio necessário, e também muito atual. Espero que este comitê nos leve a reflexões importantes e que a gente consiga construir, juntos, um espaço de escuta, troca e aprendizado sincero.

Nos vemos em outubro!

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Ao longo dos séculos, diferentes formas de expressão acompanharam o percurso da humanidade. Em cada época e cultura, modos distintos de comunicar sentimentos, ideias e visões de mundo foram ganhando forma — seja nas cores das pinturas, nos movimentos da dança, nas melodias que atravessam gerações ou nas palavras que tecem o diálogo cotidiano. O conceito de arte tornou-se algo subjetivo, ou seja, obtêm-se diferentes respostas dependendo de quem é questionado. Alguns observam a arte como uma expressão criativa, enquanto outros a consideram uma forma de comunicação. Em termos gerais, a arte é muitas vezes vista como uma manifestação de habilidade e imaginação apreciada pela sua beleza, significado ou emoção transmitida. A arte, como manifestação intrínseca das relações sociais, não é apenas um produto isolado, mas sim uma construção histórica que molda e é moldada pela sociedade. Nesse sentido, a arte assume o papel de um espelho reflexivo da cultura, amplificando vozes e narrativas que, por sua vez, estão presentes nas estruturas sociais (Miranda, Batista, 2010).

Ressalta-se, portanto, que as expressões culturais e artísticas são extremamente importantes não apenas para compreender a política, mas também para formular conceitos que nos permitam analisar e entender as relações sociais e políticas que se estabelecem na sociedade (Merson, 2020). Além disso, política e cultura tornaram-se aspectos interdependentes em uma sociedade, na medida em que a cultura possui mecanismos que possibilitam a representação de fatores políticos e, da mesma maneira, a política pode sofrer

impactos diante a representações culturais (Valim, 2006). Apesar disso, ao longo dos anos, o acesso à cultura acabou assumindo um caráter de luxo dispensável (Solano, 2009).

Embora as oportunidades de engajamento cultural tenham se expandido, envolvendo diversas manifestações artísticas, há uma tendência em algumas perspectivas sociais de considerar essas atividades como supérfluas, especialmente mediante as necessidades básicas. Entretanto, houve uma forma de arte que emergiu como uma expressão artística amplamente consumida e relativamente acessível: o cinema. A princípio, por volta de 1895, o cinema era concebido como um espetáculo de massa, destinado à classe proletária. Porém, em 1912, Ricciotto Canudo estabelece o cinema como uma sétima arte (Brandão, 2008) e que, até os dias atuais, é considerado um dos meios artísticos mais consumidos pelo público.

Segundo o crítico de cinema Alexandre Astruc (Astruc, 1948), “[...] o cinema está se tornando um meio de expressão, como todas as artes antes dele, está gradualmente se tornando uma linguagem a qual e pela qual um artista pode expressar seus pensamentos, não importa o quão abstratos”. Dessa forma, considerando que a arte, por natureza, funciona como um meio de disseminação de imagens e ideias, o cinema se destaca como um dos veículos mais influentes e amplamente utilizados para esse fim, especialmente devido à sua acessibilidade e ao alcance massivo que proporciona aos espectadores.

Assim, desde o último século, o cinema diminuiu suas barreiras de deslocamento tendo em vista que os filmes podem ser apreciados na residência dos telespectadores, sendo por transmissão em canais televisivos, DVD ou streamings. Além disso, a acessibilidade ao cinema também considera o fator do tempo. Dessa forma, ao sintetizar narrativas em aproximadamente uma hora e trinta minutos, os filmes se tornaram uma forma mais ágil de apreciar a arte.

Considerando essas características, os filmes assumiram um importante papel como agentes históricos, pois refletem e expressam as concepções e ideias características de sua época (Valim, 2006). Desse modo, a função das filmagens e das retratações cinematográficas vai além da mera produção de imagens, já que elas podem ser utilizadas tanto para promover a diversidade e pluralidade cultural como para manipular, distorcer dimensões e difamar comunidades (Hernandez, 2015).

3 APRESENTAÇÃO DO COMITÊ

A *Academy of Motion Pictures Arts and Science*¹, popularmente conhecida através de sua premiação, a estatueta do Oscar, foi fundada em 1927 com o objetivo de unir os profissionais da indústria cinematográfica e celebrar as conquistas artísticas e técnicas do cinema (Academy..., s/d). Desse modo, a premiação visa reconhecer a excelência no cinema,

¹ Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, em português.

promovendo filmes, diretores, atores, roteiristas e diversos profissionais da indústria cinematográfica. Além disso, através das produções e da premiação, nota-se que a cerimônia também funciona como uma indicação de tendências e discussões políticas, influenciando, assim, debates e comportamentos da sociedade de maneira mais ampla.

O processo de premiação funciona em duas etapas: primeiro, os membros da Academia – que hoje somam mais de 10 mil profissionais do cinema – indicam os concorrentes em suas respectivas áreas. Assim, diretores votam para *Melhor Direção*, atores escolhem os indicados para *Melhor Ator e Atriz*, roteiristas votam em *Melhor Roteiro*, e assim por diante. Apenas na categoria de *Melhor Filme*, a mais esperada da premiação, todos os membros podem votar. Em seguida, após as indicações, uma nova votação é realizada para definir os vencedores, e os resultados são mantidos em sigilo até o momento da cerimônia (Academy..., s/d).

Atualmente, o Oscar conta com mais de 20 categorias, sendo algumas das principais: *Melhor Filme*, *Melhor Diretor*, *Melhor Ator e Atriz*, *Melhor Roteiro Original e Adaptado*, *Melhor Animação* e *Melhor Filme Internacional*. Além dessas, há prêmios técnicos como *Melhor Fotografia*, *Melhor Montagem*, *Melhor Trilha Sonora* e *Melhores Efeitos Visuais*, que destacam aspectos fundamentais da produção cinematográfica (Academy..., [s/d]).

3.1 Histórico de filmes indicados e a representatividade no Cinema

Ao longo dos anos, a lista de filmes indicados aos principais prêmios de cinema, como o Oscar, revela muito sobre as dinâmicas de poder e as prioridades da indústria cinematográfica. Por décadas, as produções indicadas refletiram majoritariamente perspectivas ocidentais, centradas em narrativas brancas, masculinas e em língua inglesa, o que limitou a diversidade de histórias e vozes reconhecidas. Esse histórico restrito de indicações contribuiu para perpetuar estereótipos e manter grupos marginalizados fora do reconhecimento principal, dificultando avanços na inclusão e na equidade dentro da indústria cinematográfica.

3.1.1 Filmes de língua não inglesa

A excelência cinematográfica celebrada pelo Oscar também carrega um histórico preocupante de falta de representatividade. Durante décadas, a premiação privilegiou majoritariamente produções de Hollywood, negligenciando filmes estrangeiros e artistas de diferentes origens. Mesmo quando filmes internacionais recebiam aclamação crítica, permaneciam restritos à categoria de *Melhor Filme Internacional*, anteriormente chamada de

*Melhor Filme Estrangeiro*² (G1, 2020). Essa divisão criou uma hierarquia implícita, separando “o melhor do cinema” de “o melhor do cinema estrangeiro” e, assim, limitando a competição em igualdade de condições.

Por muito tempo, consolidou-se a percepção de que filmes não falados em língua inglesa não tinham chances reais de vencer a categoria principal, mesmo que nenhuma regra da Academia proibisse sua participação. Isso refletia uma visão enraizada dentro da indústria cinematográfica e da própria sociedade estadunidense, que via Hollywood como o epicentro do cinema mundial (E. M., 2025). Isso levou a uma situação em que cineastas de outros países tinham que se adequar aos padrões hollywoodianos para serem reconhecidos, muitas vezes produzindo filmes em inglês ou colaborando com estúdios norte-americanos para ganhar visibilidade.

Porém, nos últimos anos, avanços significativos começaram a transformar essa realidade, resultando na histórica vitória de “Parasita” em 2020. O longa-metragem sul-coreano tornou-se o primeiro filme não falado em inglês a conquistar o Oscar de *Melhor Filme*. Esse feito desafiou a tradicional separação entre “filmes estadunidenses” e “filmes estrangeiros”, provando que uma obra internacional pode ser considerada a melhor do ano, independentemente da língua em que foi produzida. Desde então, filmes como “Nada de Novo no Front” (Alemanha, 2022) e “Ainda Estou Aqui” (Brasil, 2024) conseguiram indicações significativas, demonstrando que a premiação está mais receptiva a narrativas não hollywoodianas.

No entanto, mesmo com os avanços na inclusão de diretores, artistas e produtores de origem não ocidentais, ainda há questões significativas sobre o que realmente significa representatividade no Oscar. Um exemplo emblemático dessa discussão é “Emilia Pérez” (2024), longa-metragem indicado tanto à categoria de *Melhor Filme Internacional* quanto à de *Melhor Filme*. Apesar de sua classificação como um filme internacional, a obra foi dirigida pelo francês Jacques Audiard (Toledo, 2025), um cineasta que não possui conexão direta com a realidade mexicana que o filme retrata. Além disso, grande parte do elenco principal é composto por atores estadunidenses, como Zoe Saldña e Selena Gomez, enquanto a dramaturgia do filme incorpora amplamente a língua inglesa, mesmo sendo ambientado no México.

Essa escolha levanta um debate sobre os critérios adotados pela Academia para classificar um filme como “internacional”. Historicamente, para concorrer ao Oscar de Melhor Filme Internacional, uma produção precisava ser majoritariamente falada em um idioma que não o inglês. Entretanto, no caso de Emilia Pérez, mesmo que parte do filme seja em

² Pode-se inferir que a substituição de “Estrangeiro” por “Internacional” busca promover uma maior integração. Enquanto “estrangeiro” sugere diferenciação e estranhamento, “internacional” remete a algo mais inclusivo e conectado.

espanhol, o uso recorrente do inglês e o envolvimento de uma equipe predominantemente ocidental questionam o real compromisso da premiação com o que seria, em tese, seu objetivo, ou seja, a valorização de narrativas autênticas de diferentes países (BBC, 2025).

Além disso, a decisão de ter um diretor francês escrevendo e dirigindo uma história profundamente enraizada na realidade do México também suscita críticas sobre apropriação cultural. Isso porque o filme aborda um contexto social e político que Audiard, cineasta europeu, pode não compreender em toda sua complexidade. O narcotráfico, tema central da obra, é frequentemente explorado por diretores estrangeiros de forma estereotipada, sem levar em conta as nuances e as consequências desse fenômeno para as comunidades locais.

Esse cenário reforça um padrão recorrente em premiações como o Oscar, onde filmes que representam narrativas de países do Sul Global ainda são, muitas vezes, contados a partir da perspectiva de cineastas ocidentais. Dessa forma, ao invés de oferecer visibilidade para diretores, roteiristas e produtores locais que poderiam apresentar uma visão mais autêntica, a indústria continua privilegiando grandes nomes do cinema europeu e estadunidense, garantindo que essas vozes ainda dominem as premiações.

A indicação de “Emilia Pérez” (2024) demonstra que, embora a Academia tenha ampliado suas fronteiras para incluir mais filmes internacionais na premiação principal, ainda há um longo caminho para que essa inclusão seja realmente significativa e representativa. Afinal, de que adianta abrir espaço para produções de outros países se elas continuam sendo contadas e interpretadas por vozes que não pertencem àquela cultura?

3.1.2 #OscarSoWhite

A exclusão de filmes estrangeiros da categoria principal não foi a única falta de representatividade no Oscar. Durante décadas, a premiação manteve um padrão evidente de exclusão de diretores, roteiristas e atores de minorias étnicas, refletindo a desigualdade sistêmica presente na indústria cinematográfica. Apesar da influência global do cinema hollywoodiano, as oportunidades para profissionais não brancos sempre foram limitadas, e a premiação historicamente refletiu essa realidade. Na edição da premiação de 2015, nenhuma pessoa negra foi indicada nas categorias de atuação, o que gerou o movimento #OscarsSoWhite³, que denunciava a falta de diversidade na premiação (Long, 2023).

O protesto ganhou força novamente em 2016, quando, pelo segundo ano consecutivo, todas as 20 indicações de atuação foram concedidas a atores brancos (Figueira, 2016). Assim, diante da crescente indignação pública e do boicote de artistas como Spike Lee, Will Smith e Jada Pinkett Smith, a Academia foi pressionada a rever seus critérios de seleção e a composição de seu corpo votante. Como afirma Long,

³ “Oscar é branco demais” tradução em português.

Pesquisas recentes publicadas pela Annenberg Inclusion Initiative, um think tank da Universidade do Sul da Califórnia (USC), mostram que, nos oito anos anteriores aos protestos do #OscarsSoWhite, **apenas 8% dos indicados ao Oscar eram pessoas não brancas**⁴. Mas, desde então, houve algumas mudanças, diz a Dra. Stacy L. Smith, que liderou as pesquisas na USC. Nos oito anos desde que a hashtag gerou um grande debate, o número de indicados não brancos aumentou para 17%⁵ (Long, 2023, [s/p], grifo da autora, tradução nossa⁶). (Long, 2023).

Desse modo, em resposta às críticas e a crescente demanda por inclusão, a Academia anunciou uma série de mudanças. Para isso, iniciou um processo de renovação do quadro de votantes, que historicamente era composto majoritariamente por homens brancos e mais velhos. Assim, estabeleceu metas para dobrar a representação de mulheres e profissionais de minoria étnica até 2020 (Oscars, [s/d]). Como resultado,

O número de mulheres passou de 25% para 33% do eleitorado do Oscar. O número de acadêmicos não brancos subiu de 10% para 19%. A Academia também está empenhada em se tornar mais internacional e em fazer do Oscar um evento global, não só norte-americano, convencida de que esse é o seu único futuro viável. Neste período, admitiu 819 membros novos de 68 países (Sandoval, 2020).

Além disso, a partir de 2024, a Academia implementou alguns critérios de inclusão para a categoria *Melhor Filme*, exigindo que os filmes cumpram pelo menos dois de quatro padrões de diversidade. Esses padrões incluem “[...] pelo menos um protagonista que não seja branco; pelo menos 30% de personagens secundários mulheres, minorias, LGBTQ ou deficientes; ou que o tema principal aborde um destes grupos sub-representados na tela” (Sandoval, 2020).

Embora essas diretrizes não funcionem como cotas, elas representam um avanço significativo na busca por uma indústria mais inclusiva. Desde a adoção dessas medidas, houve um aumento perceptível na diversidade entre os indicados, refletindo uma mudança gradual na cultura da premiação. Filmes como “Moonlight” (2016) – primeiro longa com elenco majoritariamente negro a vencer *Melhor Filme* – e “Nomadland” (2020), dirigido por Chloé Zhao, a primeira mulher asiática a ganhar o Oscar de Melhor Direção, demonstram que as transformações começam a produzir resultados concretos.

⁴ Grifo da autora.

⁵ Tradução nossa.

⁶ “Recent research published by the Annenberg Inclusion Initiative, a think tank run out of the University of Southern California (USC), shows that in the eight years leading up to the #OscarsSoWhite protests, just 8% of Oscar nominees were people of colour. But since then, there has been some change, says Dr Stacy L Smith, who led the research efforts at USC. In the eight years since the hashtag kicked off a firestorm, the number of nominees of colour has grown to 17%.” (Texto na língua original).

3.1.3 A continuidade do prestígio mesmo sob acusações de racismo

O Oscar, sendo a premiação mais prestigiada do cinema mundial, deveria funcionar como um reflexo da excelência cinematográfica e dos valores que a indústria deseja enaltecer. No entanto, algumas das maiores empresas de entretenimento, responsáveis por produções com conteúdos racistas e repletos de estereótipos prejudiciais, continuam a ser indicadas e premiadas sem qualquer tipo de responsabilização. A Disney, por exemplo, uma das maiores forças da indústria cinematográfica, tem um histórico de filmes com representações problemáticas de diferentes etnias e culturas (Rose, 2021), mas, apesar das críticas, permanece sendo uma das empresas mais indicadas e premiadas pela Academia (Disney, 2023).

Além disso, a empresa conta, também, com um longo histórico de representações problemáticas de diferentes etnias e culturas. Filmes como “Dumbo” (1941), “Peter Pan” (1953) e “Aladdin” (1992) perpetuam estereótipos raciais de maneiras explícitas. Apesar dessas representações problemáticas, a Disney nunca foi punida ou perdeu prestígio no Oscar. Pelo contrário, continua sendo uma das empresas mais premiadas e indicadas da história da premiação (Carvalho, 2025).

Enquanto cineastas independentes e produções de países do Sul Global enfrentam dificuldades para serem reconhecidos pela Academia, grandes estúdios como a Disney seguem dominando a premiação sem que seu histórico seja levado em conta. Mesmo quando há críticas sobre a falta de diversidade ou a perpetuação de estereótipos, essas empresas raramente enfrentam sanções concretas. Quando muito, adicionam avisos de “conteúdo sensível” em suas plataformas de *streaming*, mas sem retirar os filmes de circulação ou se responsabilizar de maneira efetiva pelo impacto dessas narrativas.

A Academia, ao continuar premiando essas produções sem questionar o impacto de suas narrativas, reforça a ideia de que não há problema em disseminar estereótipos desde que os filmes sejam bem produzidos e comercialmente bem-sucedidos. Isso cria um ciclo no qual as grandes empresas continuam se beneficiando, enquanto cineastas independentes, especialmente de países marginalizados pela indústria, têm dificuldades para competir no mesmo nível.

Há um debate crescente sobre a necessidade de o Oscar se tornar uma premiação mais inclusiva e representativa. Nesse contexto, alguns críticos apontam que, para além de medidas simbólicas, seria necessário repensar o papel de grandes estúdios como a Disney e revisar o próprio histórico da Academia, questionando as obras consagradas ao longo das décadas. Por outro lado, há quem defenda que reconhecer avanços recentes e valorizar a

abertura a novas vozes já representa um passo importante, ainda que gradual, rumo a uma maior diversidade no cinema.

3.1.4 *Premiar pela identidade e não pela qualidade*

A discussão sobre representatividade nas premiações cinematográficas envolve também a análise das diferentes perspectivas que coexistem dentro da indústria do cinema, inclusive aquelas que questionam a necessidade ou os efeitos de iniciativas voltadas à inclusão. Esse debate revela tensões históricas que atravessam tanto as práticas de produção e distribuição quanto os critérios de reconhecimento de obras e artistas. Em meio a avanços que vêm acontecendo nas últimas décadas, subsistem visões mais conservadoras que resistem a mudanças, manifestando-se especialmente em momentos de revisão de regras e critérios de elegibilidade para grandes prêmios como o Oscar.

Entre os argumentos mais conservadores, ganha força a ideia de que priorizar obras com base em critérios identitários comprometeria o princípio do mérito, premiando filmes ou artistas não pela qualidade de suas produções, mas por atenderem a demandas externas ligadas a gênero, raça ou nacionalidade. Para defensores desse ponto de vista, a arte deveria ser avaliada unicamente por seus aspectos técnicos, narrativos e estéticos, sem considerar quem está por trás das câmeras ou quem protagoniza as histórias. Segundo eles, qualquer critério que se desvie dessa suposta “neutralidade” introduziria vieses que feririam a isonomia entre competidores, deslocando o foco da premiação para questões políticas ou sociais. Essa perspectiva, no entanto, desconsidera que a ideia de neutralidade artística, historicamente, sempre esteve atrelada aos valores e padrões de grupos dominantes, sobretudo homens brancos e produtores ocidentais.

Há quem defenda, ainda, que políticas de incentivo à diversidade poderiam limitar a liberdade criativa de roteiristas, diretores e produtores, uma vez que estariam sujeitos a expectativas de representar determinados grupos ou narrativas que não fariam parte de seu projeto original. Tais argumentos refletem um receio de que a arte perca sua espontaneidade ou autenticidade em nome de uma suposta “correção política”. Segundo essa linha de pensamento, obrigar ou pressionar criadores a incluir personagens de minorias ou abordar temas sociais seria equivalente a reduzir sua liberdade artística, prejudicando a qualidade ou a profundidade das obras. Além disso, haveria o risco de transformar questões complexas em estereótipos ou caricaturas, caso os realizadores não tivessem familiaridade ou proximidade genuína com as vivências que pretendem retratar. Embora esse seja um ponto relevante — pois a representação responsável exige pesquisa e sensibilidade —, ele muitas vezes é usado de forma genérica para invalidar qualquer esforço de inclusão.

Outro ponto frequentemente mencionado é a crença de que o público não teria interesse em consumir narrativas que se distanciem das histórias já consagradas pelo cinema

tradicional, reforçando a ideia de que filmes mais diversos teriam menos potencial de bilheteria ou visibilidade. Essa perspectiva alimenta a lógica de que produções centradas em experiências de grupos marginalizados ou ambientadas em outras culturas não seriam financeiramente sustentáveis ou atrativas em larga escala. Assim, sustenta-se que, ao premiar tais filmes, as instituições estariam valorizando obras que não encontram eco junto ao grande público, o que poderia desvalorizar a própria premiação aos olhos de investidores, patrocinadores e espectadores habituais. Essa crença contribui para a manutenção de práticas que priorizam conteúdos considerados mais “seguros” comercialmente, reduzindo as oportunidades de obras que exploram outras culturas, realidades e experiências ganharem espaço e reconhecimento em premiações de grande relevância internacional.

É importante observar que esses argumentos não se restringem a pequenos grupos isolados dentro da indústria, mas se refletem em decisões concretas de estúdios, distribuidores e agentes de marketing, que frequentemente optam por projetos mais próximos de fórmulas de sucesso testadas. Ao mesmo tempo, os próprios votantes das premiações — em sua maioria, historicamente compostos por profissionais brancos, homens e norte-americanos — acabam por reforçar essa tendência, já que suas referências culturais e sensibilidades estéticas são moldadas em contextos pouco diversos.

3.2 Academy of Motion Pictures Arts and Science (2025)

Ao longo dos anos, o domínio de produções hollywoodianas no Oscar consolidou um padrão cinematográfico que, por muito tempo, marginalizou filmes estrangeiros e impediu que outras narrativas recebessem espaço na premiação. Apesar da expansão do mercado cinematográfico global na contemporaneidade e do crescente reconhecimento de longas-metragens de diferentes nacionalidades, a presença de filmes estrangeiros no Oscar ainda é significativamente inferior à de produções de língua inglesa. Em muitos casos, mesmo quando reconhecidas, essas produções são relegadas a categorias específicas, como *Melhor Filme Internacional*, o que reforça a divisão entre o cinema hollywoodiano e o cinema do restante do mundo.

Além disso, o Oscar tem em seu histórico a premiação e indicação de obras que perpetuam estereótipos culturais, reforçando visões distorcidas sobre diversas comunidades ao redor do mundo. Assim, filmes como “A Conquista do Oeste” (1962) e “Crash - No Limite” (2004) foram amplamente criticados por suas representações problemáticas, seja pela romantização de narrativas excludentes, ou pela abordagem superficial de questões raciais e culturais. Essa falta de sensibilidade reflete um problema estrutural dentro da indústria cinematográfica, onde produções estrangeiras e narrativas que fogem do padrão hegemônico enfrentam barreiras para serem legitimadas e reconhecidas.

Diante desse cenário, surge a *Academy of Motion Pictures Arts and Science (2025)*, um comitê criado com o propósito de discutir a falta de representatividade de produções estrangeiras na premiação do Oscar e a ausência de posicionamento da Academia perante filmes que perpetuam estereótipos culturais e sociais. Desse modo, o comitê busca promover um debate aprofundado sobre a invisibilidade de certas comunidades na indústria cinematográfica, a escassez de indicações de filmes internacionais e a impunidade de produções que reforçam imagens distorcidas sobre povos e culturas ao redor do mundo.

Nesse sentido, o objetivo central do comitê é avaliar o papel do Oscar na consolidação de um padrão cinematográfico excludente e propor mecanismos que incentivem uma maior diversidade na premiação. Para isso, serão analisados diferentes aspectos, como: a baixa representatividade de filmes estrangeiros nas principais categorias do Oscar; o impacto das produções estereotipadas; as medidas que a Academia pode adotar para garantir maior equidade na seleção de indicados e vencedores; o papel dos grandes estúdios na disseminação de estereótipos e na exclusão de produções de países fora do eixo Hollywoodiano.

Os debates ocorrerão entre os dias 12 e 14 de outubro de 2025, seguindo o cronograma da simulação do MINIONU. Durante as discussões, os participantes poderão utilizar uma variedade de fontes e documentos para embasar seus posicionamentos, tais como: as informações contidas nesse guia de estudos, os diversos dossiês produzidos pelo comitê, relatórios de organizações não governamentais sobre diversidade no cinema; reportagens; análises de premiações anteriores e estatísticas sobre a presença de filmes estrangeiros no Oscar; e documentos de organizações internacionais voltadas para a promoção da cultura.

O comitê seguirá o modelo de moderação tradicional, no qual as delegações poderão levantar suas placas para solicitar o discurso. A ordem de fala será determinada pela ordem em que as placas forem erguidas, garantindo uma dinâmica de debate organizada e estruturada. Assim, o comitê contará com 65 delegações, divididas em dois grupos: os membros votantes, que terão direito a voto na categoria de *Melhor Filme* do Oscar de 2025; e os membros observadores, representados por empresas cinematográficas e outros atores da indústria que poderão contribuir para o debate, mas não terão direito a voto.

4 PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS DO COMITÊ

Nesta seção, serão abordadas de maneira resumida as particularidades, comportamentos e objetivos dos principais grupos envolvidos nos debates da *Academy of Motion Pictures Arts and Sciences (2025)*.

4.1 Atrizes e atores

Atrizes e atores são uma das faces mais visíveis da indústria cinematográfica e frequentemente estão na linha de frente das discussões sobre representatividade. Muitos profissionais da atuação, especialmente aqueles pertencentes a minorias raciais e culturais, adotam um posicionamento crítico em relação à estereotipação e à falta de diversidade em Hollywood. Para esses artistas, a luta por papéis que não reforcem preconceitos e que apresentem uma visão mais autêntica de suas culturas é um ponto essencial no debate. Assim, considerando que sem atores e atrizes não há filmes, esses profissionais podem exercer pressão por mudanças dentro da indústria, exigindo roteiros mais inclusivos e a participação de consultores culturais no processo de produção. Além disso, há uma crescente mobilização para que artistas de determinadas etnias interpretem personagens de suas próprias origens, evitando casos de apropriação cultural.

Por outro lado, algumas estrelas estabelecidas dentro da indústria podem apresentar um posicionamento mais neutro ou mesmo resistente a mudanças, especialmente se essas reformas afetarem diretamente os padrões já consolidados da produção cinematográfica. Atores que construíram suas carreiras dentro de um modelo tradicional podem argumentar que as mudanças devem ocorrer de forma gradual e que a arte não deve ser limitada por critérios identitários. No entanto, o debate entre esses profissionais e aqueles que defendem uma transformação mais rápida na indústria deve buscar um consenso, seja influenciando para resistir às mudanças ou, preferencialmente, reconhecendo a importância de abraçá-las para tornar o cinema mais inclusivo e representativo.

4.2 Diretores e produtores

No que diz respeito aos produtores cinematográficos, esses desempenham um papel crucial na seleção de roteiros, financiamento de filmes e estratégias de marketing. Por isso, sua posição dentro do comitê será marcada por um equilíbrio entre responsabilidade social e a necessidade de garantir bilheterias lucrativas. Muitos produtores podem argumentar que filmes com protagonistas de minorias ou que subvertam estereótipos podem ter dificuldades de aceitação em certos mercados internacionais, influenciando assim as decisões de investimento. No entanto, com o crescimento da demanda por representatividade, muitos produtores passaram a adotar posturas mais progressistas, investindo em narrativas diversas e promovendo mudanças internas em suas produções.

Já os diretores, como principais responsáveis pela visão artística de um filme, terão um posicionamento fundamental no comitê. Há diretores que defendem uma total liberdade criativa, argumentando que o cinema é uma forma de arte e que qualquer tipo de regulamentação pode limitar a expressão artística. Alguns podem argumentar que a estereotipação é, em certos casos, uma ferramenta narrativa e que as críticas sobre

representatividade devem considerar o contexto da obra e a intenção do autor. No entanto, há também diretores que reconhecem a necessidade de repensar suas abordagens, buscando criar filmes mais autênticos e culturalmente responsáveis. Assim, o debate entre esses cineastas e aqueles que resistem às mudanças deve girar em torno do equilíbrio entre liberdade criativa e inclusão, promovendo um diálogo que permita a evolução da indústria sem comprometer a expressão artística.

4.3 Empresas cinematográficas e críticos cinematográficos

Dentro do comitê, as grandes corporações do entretenimento podem adotar posturas defensivas, enfatizando as mudanças que já implementaram para tornar suas produções mais diversas. No entanto, muitos críticos argumentam que essas mudanças ainda são insuficientes e que o modelo de negócios dessas empresas continua privilegiando narrativas eurocêntricas e evitando riscos financeiros ao investir em filmes verdadeiramente inovadores em termos de diversidade. Empresas cinematográficas podem ser pressionadas no comitê a estabelecer compromissos mais concretos, como a contratação de roteiristas e diretores pertencentes às comunidades retratadas em seus filmes e a garantia de que suas produções não reforcem estereótipos nocivos.

5 QUESTÕES RELEVANTES PARA A DISCUSSÃO

- Como as políticas de inclusão adotadas pela Academia podem realmente transformar a indústria cinematográfica e garantir maior representatividade?
- Quais estratégias podem ser adotadas para reduzir a estereotipação em produções cinematográficas e promover representações mais autênticas?
- De que forma as premiações podem se tornar um instrumento de combate a discursos racistas e xenofóbicos, promovendo uma visão mais diversa e inclusiva?
- Como a falta de diversidade entre diretores, roteiristas e produtores impacta a forma como diferentes culturas são representadas no cinema?
- De que maneira a persistência de estereótipos em filmes premiados pelo Oscar reforça desigualdades sociais e culturais no cenário internacional?
- Qual o papel dos festivais e premiações de cinema na legitimação ou contestação de narrativas estereotipadas sobre povos e culturas não ocidentais?

6. QUADRO DE DELEGAÇÕES

DELEGAÇÃO	ATUAÇÃO	MEMBRO
Abel (The Weeknd)	Compositor	Membro da Academia
Academia Brasileira de Cinema	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Alejandro Reza	Diretor	Membro da Academia
Alex Disenhof	Diretor	Membro da Academia
Alice Braga	Atriz	Membro da Academia
ANCINE	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Andrew Lowe	Produtor	Membro da Academia
Angel Manuel Soto	Diretora	Membro da Academia
Angela Demo	Diretora	Membro da Academia
Austin Butler	Ator	Membro da Academia
BBC Culture	Publicação de cinema	Membro Observador
Boonk Joon-ho	Diretor	Membro da Academia
Cahiers du Cinéma	Revista de cinema	Membro Observador
Catherine O'Hara	Atriz	Membro da Academia
Celina Song	Diretora	Membro da Academia
CJ Entertainment	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Dara Taylor	Compositora	Membro da Academia
Disney	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Dixie Chassay	Diretor	Membro da Academia
Eric Kohn	Crítico de cinema	Membro Observador
Eros International	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Fernanda Montenegro	Atriz	Membro da Academia
Film One Entertainment	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Gareth Dunnet-Alcocer	Diretor	Membro da Academia
Globo Play	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Greta Gerwig	Diretora	Membro da Academia
Greta Lee	Atriz	Membro da Academia
Isabela Boscov	Crítica de cinema	Membro Observador

Itaca Films	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Jordan Peele	Diretor	Membro da Academia
Justin Chang	Crítico de cinema	Membro Observador
Kerry Condon	Atriz	Membro da Academia
Lady Gaga	Compositora	Membro da Academia
Letterboxd	Plataforma de cinema	Membro Observador
Linda Lichter	Atriz	Membro da Academia
Lions Gate Entertainment	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Manohla Dargis	Crítica de cinema	Membro Observador
Martin Scorsese	Diretor	Membro da Academia
Meryl Streep	Atriz	Membro da Academia
Metro-Goldwyn-Mayer	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Netflix	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Paramount Pictures	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Paul Mescal	Ator	Membro da Academia
Prime	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Quentin Tarantino	Diretor	Membro da Academia
Richard Brody	Crítico de cinema	Membro Observador
Rodrigo Santoro	Ator	Membro da Academia
Sandra Huller	Atriz	Membro da Academia
Sarah Schechter	Produtora	Membro da Academia
Selton Mello	Ator e Diretor	Membro da Academia
Shanghai Film Group	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Sofia Coppola	Produtora	Membro da Academia
Sony Pictures Entertainment	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Spike Lee	Diretor	Membro da Academia
Studio Ghibli	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Taylor Swift	Compositora	Membro da Academia
Teo Yoo	Ator	Membro da Academia
The Hollywood Reporter	Publicação de entretenimento	Membro Observador
Theresa Kang	Produtora	Membro da Academia
Tom Ackerley	Produtor	Membro da Academia

Universal Pictures	Instituição cinematográfica	Membro Observador
Variety	Publicação de entretenimento	Membro Observador
Wagner Moura	Ator e Diretor	Membro da Academia
Walter Salles	Diretor	Membro da Academia
Warner Bros. Pictures	Instituição cinematográfica	Membro Observador



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMY OF MOTION PICTURES ARTS AND SCIENCES. **Academy Aperture**. Disponível em: <https://www.oscars.org/about/academy-aperture>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- ACADEMY OF MOTION PICTURES ARTS AND SCIENCES. **Oscar History**. 2025. Disponível em: https://www.oscars.org/sites/oscars/files/89aa_oscar_history.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.
- AFRAME. **The Academy New Members 2024 Full List**. Disponível em: <https://aframe.oscars.org/news/post/the-academy-new-members-2024-full-list>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- AINDA ESTOU AQUI**. Direção de Walter Salles. Produção de Maria Carlota Fernandes, Bruno Rodrigo Teixeira e Walter Salles. [S.l.]: Sony Pictures Releasing, 2024. (135 min).
- ASTRUC, A. **La Camera Stylo**. L'Écran Française, 1948. Disponível em: https://soma.sbccc.edu/users/davega/xNON_ACTIVE_CLASSES/FILMST_113/Filmst113_Ex_Film_Theory/CameraStylo_Astruc_1928.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.
- BBC. **Oscar: uma história de cinema e premiações**. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c14nk6kj6jo>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- BRANDÃO, H. S. M. **“A fábrica de imagens” O cinema como arte plástica e rítmica**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12420712.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- CARVALHO, Leo. **Quem ganhou mais Oscars na história? Veja a lista completa dos prêmios de Walt Disney**. Disney+ Brasil, 23 mar. 2025. Disponível em: <https://disneyplusbrasil.com.br/quem-ganhou-mais-oscars-na-historia-veja-a-lista-completa-dos-premios-de-walt-disney/>. Acesso em: 15 maio 2025.
- DISNEY. **Animações da Disney no Oscar: os grandes marcos na história da premiação**. 2023. Disponível em: <https://www.disney.com.br/novidades/animacoes-da-disney-no-oscar-os-grandes-marcos-na-historia-da-premiacao>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- E. M. [Estado de Minas]. **O segredo por trás do lugar mais famoso dos cinemas vai te surpreender**. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/emfoco/2025/03/15/o-segredo-por-tras-do-lugar-mais-famoso-dos-cinemas-vai-te-surpreender/>. Acesso em: 14 mai. 2025.
- EMILIA PÉREZ**. Direção de Jacques Audiard. Produção de Pascal Caucheteux e Valérie Schermann. [S.l.]: Netflix, 2024.
- FIGUEIRA, João Vitor. **Oscar: grandes mudanças para 2025**. Adorocinema. 2025. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-118650/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- G1. **Oscar muda nome de premiação de filme de língua estrangeira**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/04/24/oscar-muda-nome-de-premiacao-de-filme-de-lingua-estrangeira.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- HERNANDEZ, Pablo. **Walt Disney e a política de boa vizinhança**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11966/Pablo%20Hernandez.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 mai. 2025.

Long, Sophie. **Oscar 2025: o que é e como funciona?**. BBC News. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-64883399>. Acesso em: 7 fev. 2025.

MERSON, Emily. (Editor). **The art of Global Power: Artwork and Popular Cultures as World-Making Practices**. London and New York: Routledge, 2020. P. 97.

MIRANDA, Fabiana de Castro; BATISTA, Paulo Henrique Camargo. **Manipulação de Imagens: Os Excessos e Seus Reflexos Na Sociedade**. Disponível em: <https://img.fae.edu/galeria/getImage/1/5533210282580556.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

NADA DE NOVO NO FRONT. Direção de Edward Berger. Produção de Malte Grunert. [S.l.]: Netflix, 2022.

PARASITA. Direção de Bong Joon-ho. Produção de Kwak Sin-ae, Jang Young-hwan. [S.l.]: Barunson E&A, 2019. 1 DVD (132 min).

ROSE, Steve. **Cotton plantations and non-consensual kisses: how Disney became embroiled in the culture wars**. 2021. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2021/jun/16/how-disney-became-embroiled-in-the-culture-wars>. Acesso em: 14 mai. 2025.

SANDOVAL, Pablo Ximénez de. **Oscar adota critérios mínimos de inclusão em busca de premiação mais diversificada**. El País Brasil. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-09-09/oscar-adota-criterios-minimos-de-inclusao-em-busca-de-premiacao-mais-diversificada.html>. Acesso em: 1 fev. 2025.

SOLANO, Samantha Cristina. **O Preconceito do Ensino da Arte: Conhecer para Transformar**. 2009. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/469>. Acesso em: 20 nov. 2024.

TOLEDO, Marina. Oscar 2025: **Conheça Emilia Pérez, líder de indicações da edição**. CNN. 2025. Disponível em: <https://cnnbrasil.com.br/entretenimento/oscar-2025-conheca-emilia-perez-lider-de-indicacoes-da-edicao/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

VALIM, Alexandre Busko. **Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945 - 1954**. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41388/21703>. Acesso em: 20 nov. 2024.